

# Comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus<sup>1</sup>

---

*Flávia Santos Marins*

Universidade Federal do Amazonas

*Felício Wessling Margotti*

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** Nesta pesquisa investigou-se o comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico no município de Manaus, utilizando os dados coletados para o Atlas Linguístico do Brasil. Foram analisados um total de 641 dados fonéticos, sendo 355 em posição medial de vocábulo e 286 em posição final de vocábulo. O que se constatou foi a existência de três variantes do /S/ pós-vocálico na fala dos informantes: a fricativa alveolar, a fricativa pós-alveolar e a fricativa glotal. Em dados gerais, em posição medial, a fricativa alveolar e pós-alveolar apresentam uma distribuição homogênea (50,1% e 47%, respectivamente). Em posição final, a fricativa alveolar mostrou-se predominante (67,1%).

**Palavras-chave:** dialetologia; /S/ pós-vocálico; fonética.

**Abstract:** In this research, we have investigated the phonetic behavior of the /S/ occurred after vowels. The study was carried out in Manaus and we have used the data collected for the Brazilian Linguistic Atlas project. We have analyzed 641 phonetic data inputs, of which 355 were in the middle position of a word and 286 were in the final position. We have verified that there were three variations for that /S/ in the subjects' speech: the voiced and voiceless alveolar fricative, the postalveolar fricative and the glottal fricative. In general data, the alveolar and the postalveolar fricatives have a homogeneous distribution (50.1% and 47%, respectively) when in medial position. In final position, the alveolar fricative was predominant (67.1%).

**Keywords:** dialectology; /S/ occurred after vowels; phonetics

---

1. Recebido em 06/02/2012. Aprovado em 09/11/2012.

**Resumen:** En esta pesquisa fue investigado el comportamiento fonético-fonológico de la /S/ post-vocálica en el municipio de Manaus, utilizando los datos colectados para el *Atlas Lingüístico de Brasil* (ALiB). Fueron analizados el total de 641 datos fonéticos, de los cuales 355 en posición medial de vocable y 286 en posición final de vocable. Lo que se constató fue la existencia de tres variantes de la /S/ post-vocálica en el habla de los informantes: la fricativa alveolar, la post-alveolar fricativa, y la fricativa glotal. En datos generales, en posición medial, la fricativa alveolar y la post-alveolar presentan distribución homogénea (50,1% y 47%, respectivamente). En posición final, la fricativa alveolar se demostró predominante (67,1%).

**Palabras clave:** dialectología; /S/ post-vocálica; fonética.

## Introdução

Esta pesquisa é de cunho dialetológico: procura analisar, caracterizar e registrar um fenômeno fonético variável na cidade de Manaus, capital do Amazonas. A presente pesquisa caracteriza-se como um trabalho em Dialectologia Pluridimensional, uma vez que, a exemplo da Sociolinguística, considera os fatores extralingüísticos que influenciam a realização da fala, como a idade, a escolaridade e o sexo.

Este trabalho investigou o comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico, tanto em posição de coda medial (mesmo) quanto em coda final (mas) na cidade de Manaus (AM), observando-se, dessa forma, também casos de ressilabação (casas amaraleras).

Vários estudos já foram realizados sobre esse fenômeno, como os de Dinah Callou (1996) e Alzira Macedo e Marta Scherre (1991), mostrando que nos falares do português do Brasil há uma considerável variação do /S/ pós-vocálico.

Ao que parece, a pronúncia mais difundida no Brasil e a mais conservadora é a alveolar [s, z]. A realização palatal [ʃ, ʒ] tem uma distribuição bastante limitada. Nascentes (1958 apud Cruz 2004), Marroquim (1945 apud Cruz 2004) e Silva Neto (1986 apud Cruz 2004) apontam que apenas o Rio de Janeiro, Alagoas, Pernambuco, Ceará e Santa Catarina apresentam essa variante.

Segundo Serafim da Silva Neto (1957), a pronúncia do /S/ pós-alveolar deriva da pronúncia pré-dorsal portuguesa, existente em Portugal na época do descobrimento e da colonização, no início do século XVI. Como são poucos registros do falar do Amazonas e como nessa região houve forte predominância da colonização portuguesa, é oportuno investigar e registrar as variáveis dessa consoante que ocorrem nesse Estado, especificamente na capital.

Esta pesquisa utilizou, para a investigação do fenômeno em foco, o *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Para a constituição desse *corpus* foram entrevistados nas capitais brasileiras 08 informantes, sendo 02 homens e 02 mulheres na faixa etária de 18 a 30 anos e 02 homens e 02 mulheres na faixa etária de 45 a 60 anos. Foram controlados dois níveis de escolaridade: ensino fundamental (completo ou incompleto) e ensino superior (completo ou incompleto). A seleção dos informantes seguiu ainda os seguintes critérios: pessoas nascidas e radicadas nas localidades selecionadas, com pais nascidos também nessas localidades. Os dados analisados foram retirados das transcrições fonéticas encontradas em todos os questionários que constituem o ALiB (Questionário Fonético-Fonológico, Questionário Semântico-Lexical, Questionário Morfossintático, Questionário de Pragmática, Temas para discurso dirigido). Vale ressaltar que foi considerada para análise a repetição de palavras.

## O /S/ pós-vocálico no Brasil

Desde o século XVI, muitos estudos sobre o comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico vêm sendo realizados no Brasil. Vários linguistas mostram que há nos falares do português brasileiro uma considerável variação desse fonema. Segundo eles, o /S/ pós-vocálico pode realizar-se de quatro formas: como alveolar surda e sonora [s, z], como pós-alveolar surda e sonora [ʃ, ʒ], como aspirada [h, h̥] e como zero fonético [∅].

Silva Neto (1960), em *A Língua Portuguesa no Brasil*, no que diz respeito ao consonantismo, discute o problema do sistema das sibilantes. Segundo ele, até o século XVI não se confundiam, na pronúncia padrão, nem as palavras

escritas com *-s* e *-z*, nem aquelas grafadas com *s* surdo, *ss* e *ç*. Atualmente, palavras como *coser* e *cozer*, *passo* e *paço* são consideradas homófonas.

As palavras escritas com *s* surdo, *ss* e *s* eram pronunciadas com o chamado *s apical*: profere-se com a parte anterior, um tanto côncava, da ponta da língua nos alvéolos superiores.

As palavras escritas com *c*, *ç* e *z*, letras que a princípio representavam as africadas *tç* e *dz*, eram pronunciadas com o chamado *pré-dorsal*: profere-se com a língua convexa, encostando a ponta à parte interna dos incisivos inferiores.

Silva Neto (1960) elucida ainda que a partir do século XVI, numa ampla área do sul de Portugal, houve uma generalização das pré-dorsais. Essa pronúncia foi a que se tornou padrão da língua portuguesa. O *s apical*, geralmente conhecido como *s* “beirão”, era considerado um rusticismo e chocava a fala das pessoas cultas.

O autor ressalta que para o Brasil vieram não só colonizadores que em seu sistema linguístico usavam sibilantes do tipo pré-dorsais (provenientes do Sul de Portugal), mas também um grande número que distinguia quatro sibilantes (duas apicais e duas pré-dorsais) e um apreciável contingente para os quais só havia sibilantes apicais. A pronúncia que se generalizou no país foi a do sistema de pré-dorsais. A apical não se generalizou, segundo Serafim da Silva Neto (1960), por ser “eminentemente um fonema instável”.

Scherre e Macedo (1991), quatro décadas depois, analisaram o /S/ pós-vocálico na fala carioca. Um traço bem perceptível pelos falantes de outras regiões do Brasil é que o carioca “chia”, porém, como as autoras mostram, não é somente a pós-alveolar que ele usa: o /S/ pós-vocálico pode realizar-se como uma alveolar [s, z], como pós-alveolar [ʃ, ʒ], como aspirada [h, fi] e como zero [∅].

As autoras abordam a questão da variação e mudança com base na análise da pronúncia do *s* não-morfêmico, nas quatro realizações acima mencionadas.

Para essa análise, as autoras partem de algumas indagações: está-se diante de um processo de mudança? Essa mudança anda na direção de um enfraquecimento, com a conseqüente simplificação do padrão silábico CVC em CV? Existe relação entre as pronúncias do *s* não-morfêmico e o problema do *s*

morfema de plural, que também pode cair na regra de concordância nominal, por intrincadas questões de ordem morfossintática e discursiva? Como explicar a variação? Motivos de ordem articulatória, de fonologia natural, ou motivos de *ordem lexical* serão os melhores para explicar o que ocorre com o *s*?

Quanto aos resultados globais, perceberam a frequência das quatro pronúncias na fala carioca: a pós-alveolar, de fato, é a pronúncia mais característica, com 63% dos casos; a alveolar fica em segundo, com 23%; as formas menos frequentes são a aspirada, com 6%, e o zero fonético, com 8%.

No que diz respeito ao processo de mudança, observaram que há um reforço da pós-alveolar, e não o esperado enfraquecimento gradativo que culminaria com a simplificação do padrão silábico.

Canovas (1991) desenvolveu como dissertação de Mestrado o estudo da variação fônica do /S/ pós-vocálico e das fricativas em início de sílaba na cidade de Salvador (Bahia). No que se refere ao /S/ pós-vocálico, foco deste trabalho, foram quatro as formas fonéticas de /S/ detectadas em pares surda/sonora *versus* contexto fônico posterior:

1. A alveolar [s, z]: tida como padrão, conservadora;
2. A pós-alveolar [ʃ, ʒ]: tida como carioca e de prestígio;
3. O zero fonético [∅]: associado à fala rude e rural;
4. A aspirada [h, h̃]: tida como inovadora.

Foram analisados, nessa pesquisa de Canovas (1991), 3.547 dados de /S/ na fase sistemática, colhidos da fala de 45 informantes (gravados em 17 fitas cassetes), distribuídos em três segmentos de escolaridade (1º grau completo ou não, 2º grau completo e 3º grau completo) e três de idade (13 a 20, 21 a 45 e 46 a 70 anos). Na etapa da fase assistemática, foram colhidos 99 casos da variante aspirada, flagrados em pronunciamentos de políticos e de pessoas influentes na sociedade, transmitidos pela TV.

A análise desses dados mostrou a hegemonia da alveolar em todos os contextos, exceto diante das soantes /m/ e /l/, posição em que a aspirada foi superior. Houve um empate entre a alveolar e a aspirada diante da

vibrante /R/. A maior variação da aspirada diante de /m/ deu-se devido à alta frequência da palavra “mesmo” [mefimu].

A aspirada teve pequena variação em distribuição pelas três categorias de idade, sendo mais usada pelos mais velhos, seguidos dos mais jovens e depois dos de idade intermediária. Dessa forma, não foi confirmada a hipótese de que a aspirada é uma forma inovadora. Os mais jovens também usaram mais a apagada.

Callou e Moraes (1996), baseados no elevado grau de polimorfismo do fonema /S/ pós-vocálico, procuraram estabelecer uma delimitação de áreas dialetais nas cinco capitais do Projeto NURC/ Brasil: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, a fim de verificarem uma coincidência na distribuição de suas áreas de ocorrência.

Foram analisados, segundo a metodologia sociolinguística quantitativa laboviana, trinta inquéritos do tipo diálogo informante e documentador (DID) do *corpus* do Projeto NURC/ Brasil, distribuídos por área geográfica: Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife; faixa etária: 01- de 25 a 35, 02- de 36 a 55 e 03- de 56 anos em diante e sexo.

Quanto à distribuição geográfica, os autores explicitam que São Paulo e Porto Alegre apresentam uma distribuição das variantes praticamente idêntica, com predomínio absoluto da realização alveolar. No Rio de Janeiro, por outro lado, predomina a realização pós-alveolar (82,5%). Comporta-se Recife de forma semelhante ao Rio de Janeiro com o predomínio da pós-alveolar (69,5%). Salvador, por sua vez, apresenta uma distribuição homogênea das duas variantes (45% de alveolar e 44% de pós-alveolar). Observa-se, assim, uma oposição Sul/ Norte, caracterizando-se a primeira dessas regiões pela não palatalização, conforme a pesquisa realizada pelo projeto NURC (Callou e Moraes 1996).

Quanto à distribuição por contexto do fonema /S/, observaram uma tendência consistente no sentido da palatalização em posição medial. Assim, há um aumento dos percentuais de palatalização de 05% para 09% em São Paulo, de 03% para 23% em Porto Alegre, de 75% para 90% no Rio de Janeiro, de 32% para 56% em Salvador e de 55% para 84% em Recife.

Como os percentuais de queda e aspiração são insignificantes, os pesquisadores concentraram-se no processo de palatalização, em relação à

interação sexo/ faixa etária. Delineia-se, em São Paulo e Porto Alegre, uma curva de variação estável, com comportamentos diferenciados por sexo. O mesmo ocorre no Rio de Janeiro e Recife, com percentuais que indicam a palatalização. Salvador apresenta um comportamento singular: percentuais intermediários, com uma curva de variação estável para os homens e de mudança em favor da palatalização para as mulheres (ápice de frequência na faixa mais jovem).

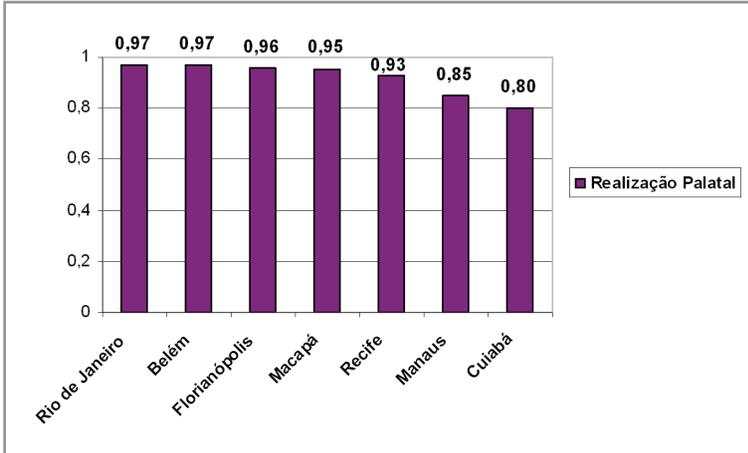
Os pesquisadores ressaltam que as normas de pronúncia do /S/ apontam para um processo de posteriorização de ponto de articulação, de alveolar para palatalizada e laríngea, opondo uma área geográfica em que a norma da pronúncia é a não-posteriorização a outra área geográfica em que a regra de posteriorização atua fortemente, com uma subárea, que corresponde a Salvador, com ambas as realizações.

Brescancini (2003) buscou no seu estudo caracterizar as consoantes palato-alveolares [ʃ, ʒ] no conjunto das consoantes palatalizadas. Mostra, ainda, que a variante palato-alveolar tende a ser mais favorecida por contextos que promovam a retração do corpo da língua (e[ʃk]ama) e o levantamento desse articulador (a[ʃ]).

Em estudo anterior, realizado no ano de 2002, no município de Florianópolis, a pesquisadora acima citada (*apud* Pedrosa 2009), encontrou o seguinte resultado geral para a pronúncia do /S/ pós-vocálico: a variante palato-alveolar é a mais frequente (83%), seguida da pronúncia alveolar (12%). Mostrou também que os fatores linguísticos (na seguinte ordem: traço [voz], contexto precedente, contexto seguinte, função morfológica, acento, posição da fricativa na palavra) são os mais favorecedores no uso da primeira variante do que os fatores sociais (na seguinte ordem: gênero, escolaridade, região, faixa etária). Ressalte-se que a amostra dessa pesquisa compõe-se de 100 informantes, sendo 48 da zona urbana (distrito de Florianópolis) e 52 das regiões interioranas (distrito do Ribeirão da Ilha e distrito da Barra da Lagoa). Parte do *corpus* é proveniente do banco de dados do Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil (VARSUL).

Martins (2001) realizou um trabalho de iniciação científica em Bragança (Pará) e mostrou que não é somente o /S/ pós-alveolar que é usado pelos paraenses dessa localidade. Utilizando o *corpus* do Projeto Atlas Geolinguístico do Pará (ALIPA) mostrou que há seis realizações possíveis para esse fonema em coda silábica: pós-alveolar (surda e sonora), alveolar (surda e sonora), aspirado ([h]) e apagamento, apesar de a pronúncia alveolar ser a que predomina (52%), seguida da palatal (31%). Esta é utilizada com maior frequência pelos mais velhos, pessoas sem escolaridade e de baixa renda social, enquanto aquela é utilizada pelos mais jovens, pessoas mais escolarizadas e de média renda social. Portanto, o que se evidencia é que a variante alveolar está ganhando o *status* de prestígio, pelo menos, nessa localidade, resultado que vai de encontro aos resultados de Jesus e Mota (2011)<sup>2</sup> encontrados na capital do Estado (Belém) a partir dados do projeto ALiB, pois é a variante pós-alveolar que é utilizada com mais frequência, conforme ilustrado no gráfico abaixo:

**Gráfico 01:** Capitais com índices elevados de fricativas palatais em coda silábica



2. Comunicação realizada no IX WORKALIB, julho de 2011, Salvador (Bahia).

Jesus e Mota (2006), na pesquisa realizada em Salvador e Recife a partir dos dados coletados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (AliB), mostraram que a pronúncia alveolar é predominante na primeira capital (49%), enquanto na segunda capital citada a pronúncia alveolar e pós-alveolar apresenta um certo equilíbrio (47% e 48%, respectivamente). Vale ressaltar, segundo as autoras, que em Recife a pós-alveolar deve ser considerada a variante inovadora e de prestígio, uma vez que no que se refere à análise dos fatores sociais é a variante mais utilizada pelos mais jovens (57%) e pelos informantes com nível superior (62%). Já em Salvador, no que se refere aos mesmos fatores sociais, a alveolar é que ganha o *status* de inovação e prestígio (jovens: 61%; Ensino Superior: 56%). Nas duas capitais existem a variante aspirada e o apagamento, porém ocorrem com baixa frequência.

Jesus e Mota (2007), num outro trabalho em que comparam a pronúncia do /S/ pós-vocálico nas capitais do nordeste do Brasil, chegam às seguintes considerações, observando agora o peso relativo nos contextos linguísticos em que o /s/ é seguido de consoante e de pausa:

Cidades com indícios de que a mudança está em estágio avançado de implementação: *Recife* e *Salvador*, visto que a variante palatal predomina nos dois contextos; cidades que mantêm a alveolar, em qualquer contexto: *Fortaleza*, *João Pessoa*, *Natal* e *São Luís*; cidade que apresenta o que pode ser um retorno às alveolares em resultado de informantes da faixa I registraram baixos índices de palatalização: *Maceió*; cidades nas quais uma provável interferência dialetal por parte dos informantes do sexo masculino, da faixa II, de nível universitário, não permitiu obter uma caracterização do fenômeno em estudo, analisando-se as distintas faixas etárias: *Aracaju* e *Teresina* (2007: 04, grifo das autoras).

As autoras demonstram que há muitas questões ainda em relação à presença e à expansão da palatalização do /S/ em coda silábica no Brasil, mas o que já se percebe, através dos dados das capitais do nordeste, é que não há uma homogeneidade na realização dessa variável: em algumas localidades há

um avanço para palatalização; em outras, uma retração; em outras, a pós-alveolar parece existir somente em determinado contexto favorecedor; e, em outras, ainda existe uma distribuição equilibrada entre as duas variantes.

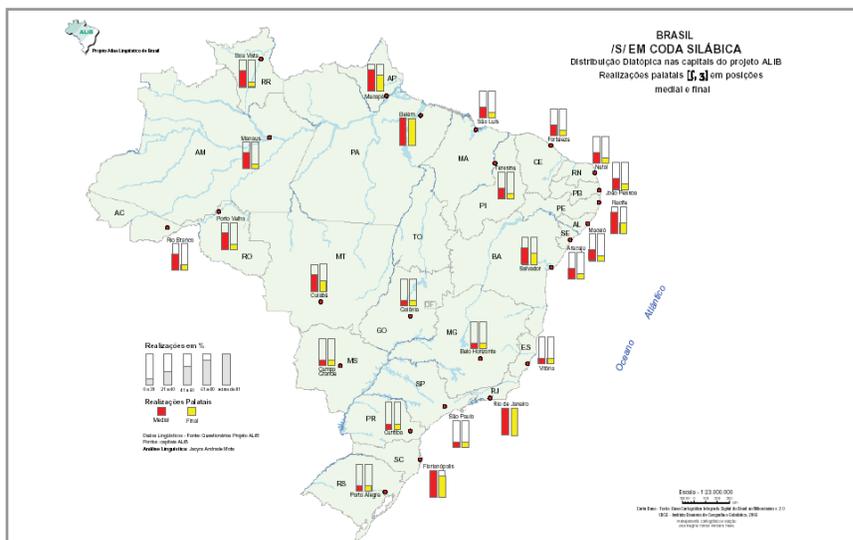
É interessante ressaltar ainda que os resultados encontrados por Jesus e Mota (2006) em João Pessoa corroboram os resultados de Hora (2003 apud Pedrosa 2009) e Ribeiro (2006 apud Pedrosa 2009) que utilizaram o *corpus* do Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba (VALPB) para investigar esse fenômeno nessa mesma cidade. O *corpus* é constituído por 60 informantes, estratificados de acordo com o sexo, a faixa etária e a escolaridade. Hora (2003 apud Pedrosa 2009) investigou o /S/ em posição medial mostrando que a alveolar é a variante predominante (65%), cujo fator favorecedor é consoante seguinte (coronal: 86 PR). Ribeiro (2006 apud Pedrosa 2009), por sua vez, investigou o /S/ em posição final, encontrando também a alveolar como predominante (65%). O que se diferencia nesses dois trabalhos é o fato de em posição final ocorrer o apagamento e, em consequência, a ordem e os grupos de fatores condicionadores se alteram conforme a posição ocupada pelo fonema /S/ na palavra.

Bassi (2011) em sua dissertação de mestrado investigou as variantes alveolares, alveopalatais e o zero fonético do /S/ pós-vocálico nas cidades do Rio de Janeiro e Florianópolis, utilizando o *corpus* coletado pelo ALiB. Como resultado geral, a variante palatal mostrou-se mais frequente na primeira capital (87,8%) em relação à segunda (65,3%). Mostrou ainda que, nas duas localidades, os fatores linguísticos são os que mais parecem favorecer o processo de palatalização, como: posição medial, sílaba tônica, fricativa precedida por vogais coronais, fricativa seguida por pausa, palavras dissílabas e trissílabas, etc. No que se refere ao grupo de fatores extralinguísticos, somente a dimensão diafásica mostrou-se significativa em ambas as localidades: no Rio de Janeiro, em particular, o contexto que mais favorece o fenômeno é a resposta aos questionários (mais ou menos tenso); já em Florianópolis, a conversa semidirigida (menos tenso) é o contexto que condiciona mais o processo de palatalização.

Como se observa, o /S/ pós-vocálico, tanto em posição de coda medial (mesmo) quanto em coda final (mas), já apresenta algumas áreas dialetais delimitadas quanto a sua realização como alveolar, pós-alveolar, aspirada e apagada. Porém, há necessidade de se expandir esse estudo. No Amazonas, por exemplo, faz-se necessário investigar e registrar as variantes dessa consoante, dando continuidade à pesquisa dialetológica iniciada no projeto do Atlas Linguístico do Amazonas (doravante ALAM), tendo em vista a não-existência de registros abrangentes sobre o falar dessa região.

Para finalizar esta seção, segue abaixo um mapa, resultado da pesquisa de Jesus e Mota (2011), que ilustra a distribuição do /S/ pós-vocálico no Brasil a partir dos dados coletados pelo ALiB:

Figura 01: Distribuição do /S/ pós-vocálico no Brasil a partir dos dados do ALiB



## O /S/ pós-vocálico no Amazonas

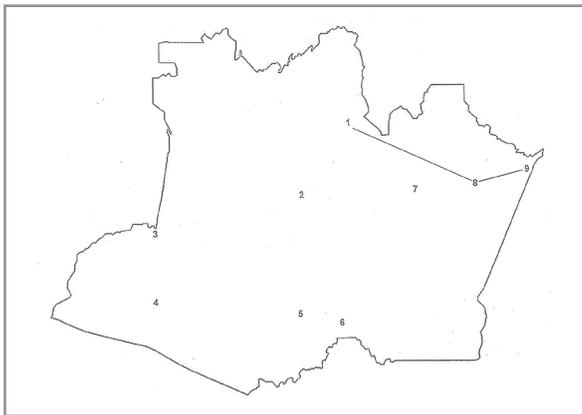
No Amazonas, não há tradição de pesquisas dialetais. Com a elaboração do *ALAM* (Cruz 2004), houve uma significativa contribuição para o

conhecimento do falar da região, por ter sido realizado um registro sistemático do modo de falar do Amazonas, que até o início deste século não se conhecia.

No ALAM, foram investigados 09 municípios, considerados os mais representativos para o Estado, num total de 54 informantes: 06 em cada município, sendo 03 homens e 03 mulheres, divididos em 03 faixas etárias: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 ou mais. Um dos fenômenos observados foi a realização do /S/ pós-vocálico. Cruz (2004) constatou que, nos municípios investigados – Barcelos (localidade 01), Benjamim Constant (localidade 03), Eirunepé (localidade 04), Humaitá (localidade 06), Itacoatiara (localidade 08), Lábrea (localidade 05), Manacapuru (localidade 07), Parintins (localidade 09) e Tefé (localidade 02) –, há uma predominância das variantes fricativas alveolares [s, z].

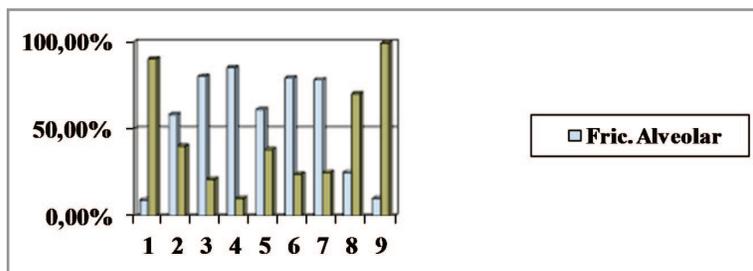
Constatou-se, também, que há áreas linguísticas diferenciadas na realização do /S/ pós-vocálico. Segundo a pesquisadora, parece haver aspectos linguísticos diferenciados entre os falares dos rios Negro/ Amazonas e Solimões, pois observou a realização categórica do /S/ como variante pós-alveolar nas localidades de Barcelos (01), Itacoatiara (08) e Parintins (09) e uma frequência maior da variante alveolar nos demais municípios. A partir disso, foi possível traçar no ALAM, a guisa de hipótese, uma isófona.

**Figura 02:** Isófona em relação ao /S/ pós-vocálico no Amazonas (ALAM)



Cruz (2004) apresenta um gráfico, organizado com base nas oito cartas linguísticas em que o /S/ ocorre em contexto medial (interno) de vocábulos, em que se comprova sua hipótese.

**Gráfico 02:** Variantes de –S pós-vocálico interno por localidade



Cruz (2004), ainda, verifica se a variante pós-alveolar se distribui homogeneamente pela fala dos indivíduos da área em que ocorre. Constatou que a localidade de número 08 difere das demais (01 e 09) pelo fato de as faixas etárias 02 e 03 apresentarem índices de pós-alveolares (respectivamente 67% e 50%) bem diferentes dos da faixa 01, isto é, dos falantes de 18 a 30 anos, com 100% de realização pós-alveolar, que se identifica com a mesma faixa de Barcelos (também com 100% de ocorrências de pós-alveolar).

Em relação à faixa etária nas nove localidades, verifica-se que os mais jovens são os que mais empregam a variante pós-alveolar, embora com índice (54%) não muito diferente dos que se registram nas demais faixas (02, com 45% e 03, com 46%).

No que se refere à variável gênero, Cruz (2004) mostra que a diferença não é muito significativa, embora as mulheres (54%) se utilizem mais das variantes pós-alveolares do que os homens (46%).

A fim de averiguar a hipótese formulada no ALAM, em uma pesquisa de iniciação científica (*A pronúncia do /S/ pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamim Constant*, PIBIC 2005/2006) feita por esta pesquisadora, foi utilizado uma parte do *corpus* coletado para a elaboração desse Atlas, que ainda não havia sido analisada: a *conversa livre*,

situação em que se consegue obter uma fala mais espontânea por ser uma conversa informal (o informante fala sobre sua vida, sobre algo de que tem conhecimento: lendas, festas da sua cidade, etc.). Segundo Tarallo (2003), a melhor maneira de se obter a naturalidade da fala é deixar o falante à vontade, sem que ele se preocupe com o *como* falar.

Na referida pesquisa foram investigados os seguintes municípios amazonenses: Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamim Constant. A análise dos dados dessa pesquisa mostrou que as regiões dos rios Negro, Amazonas e Solimões apresentam áreas linguísticas diferenciadas: Barcelos, Itacoatiara e Parintins caracterizam seu *modo de falar* pela realização da variante pós-alveolar, e Tefé, Benjamim Constant e Manacapuru pela realização da variante alveolar, principalmente, quando em posição final de palavra. Em posição medial, a pós-alveolar foi um pouco mais predominante nesses municípios. Isso parece que se deve ao condicionamento do contexto seguinte: diante de [t] o /S/ pós-vocálico realizou-se como pós-alveolar e diante de [p] e [k] como alveolar (embora nessa pesquisa não se tenha realizado uma análise percentual dos grupos de fatores linguísticos). Vale observar, ainda, que o último município mencionado (Manacapuru) produz a pós-alveolar com maior frequência que os demais (Tefé e Benjamim). Deve-se isso, provavelmente, ao fato de esse município estar próximo às localidades que têm um forte predomínio dessa variante.

O que se pôde concluir com isso é que os dados dessa pesquisa confirmaram o que Cruz (2004) observou ao fazer a análise desse mesmo fenômeno através da *aplicação de questionário* (perguntas e respostas objetivas). Dessa forma, tanto em situação formal (questionário: situação tensa) quanto em situação informal (conversação livre: situação menos tensa), os informantes produzem as mesmas variantes.

Vale lembrar, ainda, que no par [s, Z], a fricativa alveolar sonora [z], em posição final de vocábulo, apresentou-se muito produtiva quando o contexto seguinte era uma vogal: “eu toquei *dois anos*”, característica comum no ato da fala.

Como pôde se observar nessa pesquisa, pode-se dizer que os informantes da região amazônica produzem não só as variantes pós-alveolar e a alveolar, mas também as outras duas variantes do /S/ pós-vocálico: a fricativa glotal/aspirada e o zero fonético.

A utilização da variante glotal/aspirada deve-se ao fato de o contexto seguinte apresentar-se como uma consoante sonora: [d] e [m] sendo mais recorrente na produção da palavra “mesmo”.

A utilização do zero fonético, por sua vez, deveu-se a questões morfosintáticas: casos que dizem respeito à Concordância Nominal e Verbal. Por exemplo: “ái... *meus irmão* iam lá... e cada um trazia [...]”; “tinha cento e cinquenta *ano*...”; “um passeio... *nós fi/fizemo*... viagem [a]”.

## Resultados

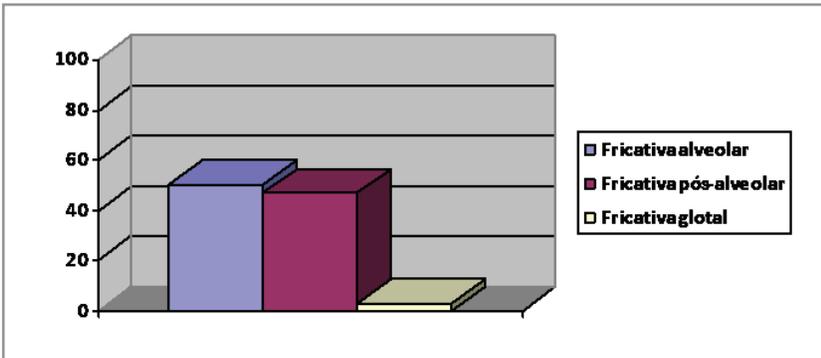
Através da análise dos dados fornecidos pelo ALiB, no que diz respeito à investigação das variantes do fonema /S/ em Manaus, pode-se afirmar que três variantes ocorrem na fala dos informantes entrevistados: a fricativa alveolar surda e sonora, a fricativa pós-alveolar surda e sonora e a fricativa glotal/aspirada surda e sonora.

Nas seções seguintes, tem-se, primeiramente, a distribuição do /S/ pós-vocálico a partir do resultado global e, em seguida, levam-se em consideração os fatores extralinguísticos para melhor compreensão dos resultados.

## Dados gerais

Em posição medial de vocábulo, foram analisados 355 dados, sendo 178 ocorrências da fricativa alveolar surda e sonora, 167 ocorrências da fricativa pós-alveolar surda e sonora e apenas 10 ocorrências da fricativa glotal/aspirada surda e sonora. Abaixo, o gráfico que ilustra melhor a distribuição dessas variantes:

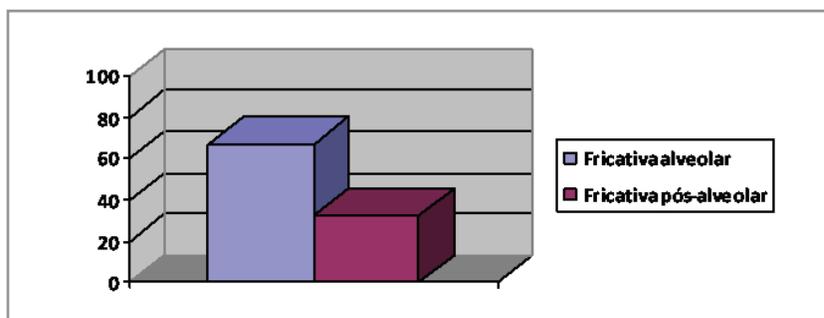
**Gráfico 03:** Distribuição do /S/ pós-vocálico em posição medial, em Manaus/AM



Como se observa no Gráfico 03, os falantes da cidade de Manaus, de modo geral, apresentam uma distribuição equilibrada das variantes: fricativa alveolar (50,1%) e fricativa pós-alveolar (47%), no contexto medial de palavra. Em relação à variante fricativa glotal/aspirada, as ocorrências foram poucas, correspondendo a 2,8% do total de vocábulos analisados. Vale ressaltar que essa variante aparece pela recorrência da palavra “mesmo”, podendo ser considerado um caso de difusão lexical assim como aconteceu na pesquisa de Hora (2003 apud Pedrosa 2009).

Em posição final de palavra, foram encontrados 286 dados do /S/ pós-vocálico, sendo 192 ocorrências da variante alveolar surda e sonora, 94 ocorrências da variante pós-alveolar surda e sonora e nenhuma ocorrência da variante fricativa glotal/aspirada surda e sonora. Em seguida, o gráfico ilustrando a distribuição dessas variantes no referido contexto:

**Gráfico 04:** Distribuição do -S pós-vocálico em posição final em Manaus



Como se observa no Gráfico 04, em posição final, no município de Manaus predomina a fricativa alveolar (67,1%). Vale lembrar que a fricativa alveolar sonora [z], em posição final de vocábulo, apresentou-se muito produtiva quando o contexto seguinte era uma vogal: [ajzaxvurIS], característica comum no *continuum* da fala. A fricativa pós-alveolar aparece com índice de 32,8% do total das ocorrências.

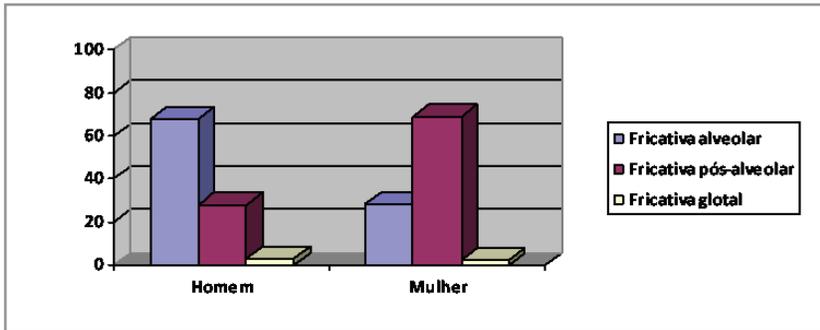
### Fatores extralinguísticos

Considerando os fatores extralinguísticos controlados no ALiB, foram encontrados os seguintes resultados:

#### Sexo

No que se refere à dimensão diasssexual, o /S/ em posição medial teve a seguinte distribuição:

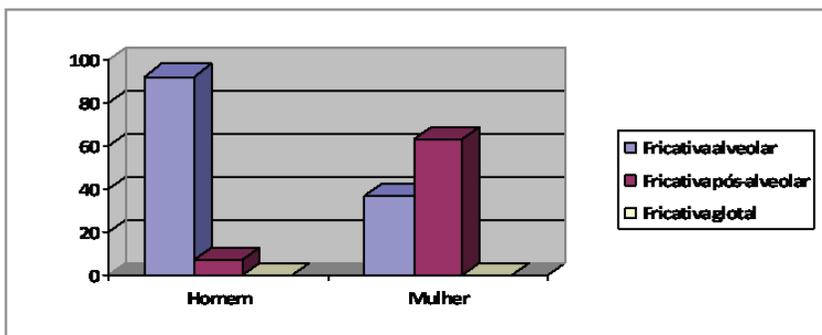
Gráfico 05: Distribuição do /S/ pós-vocálico em posição medial no que se refere ao sexo



O que se observa no gráfico 05 é que os homens utilizam com mais frequência a fricativa alveolar (68%), enquanto as mulheres utilizam, predominantemente, a fricativa pós-alveolar (69%). Esse resultado nos leva a considerar a variante pós-alveolar com o *status* de prestígio, uma vez que, como mostram os estudos em sociolinguística, as mulheres tendem ao uso de formas linguísticas mais prestigiadas socialmente. Isso pode ser explicado pela inserção delas no mercado de trabalho, assim como pelo papel fundamental que exercem na família (situações que “exigem” das mulheres o uso da variante considerada “padrão”). Labov (2008 [1972]: 282), ao observar o resultado do estudo sobre o marcador sociolinguístico estável {-ing} em Norwich, chega a seguinte conclusão: “[...] as mulheres são mais sensíveis do que os homens aos valores sociolinguísticos explícitos”. Em relação à fricativa glotal/aspirada há uma distribuição homogênea tanto na fala dos homens quanto na fala das mulheres (3,1% e 2,4%, respectivamente).

Em posição final, as variantes do /S/ pós-vocálico em Manaus tiveram a seguinte distribuição:

**Gráfico 06:** Distribuição do /S/ pós-vocálico em posição final no que se refere ao sexo

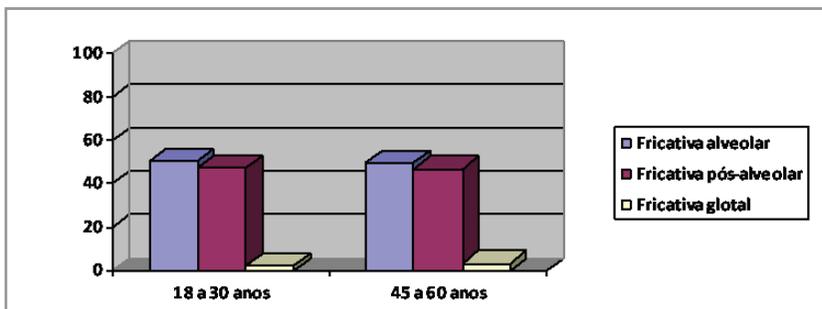


Como se observa no Gráfico 06, em posição final de palavra, os homens utilizam quase categoricamente a variante fricativa alveolar (92,3%), enquanto as mulheres utilizam a fricativa pós-alveolar com mais frequência (63%). Esse resultado confirma também a hipótese de *status* de prestígio da variante pós-alveolar por ser utilizada com maior frequência pelas mulheres. Em relação à fricativa glotal não foram encontradas nenhuma ocorrência em posição final de vocábulo.

### Idade

No que se refere à dimensão diageracional, foram encontrados os seguintes resultados do /S/ pós-vocálico em posição medial de palavra:

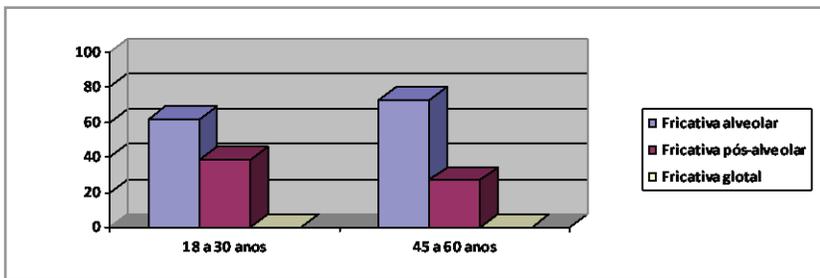
**Gráfico 07:** Distribuição do /S/ pós-vocálico em posição medial no que se refere à idade



O que se observa no Gráfico 07 é que não há uma diferença significativa na distribuição das variantes fricativa alveolar e fricativa pós-alveolar tanto na fala dos mais jovens quanto na dos mais velhos (18 a 30 anos: 50,5% de alveolar e 47,2% de pós-alveolar; 45 a 60 anos: 49,7% de alveolar e 46,8% de pós-alveolar). Quanto à fricativa glotal, registra-se a baixa ocorrência dessa variante nas duas faixas etárias (2,1% e 3,4%, respectivamente).

Em posição final de vocábulo, tem-se a seguinte distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico:

**Gráfico 08:** Distribuição do /S/ pós-vocálico em posição final no que se refere à idade

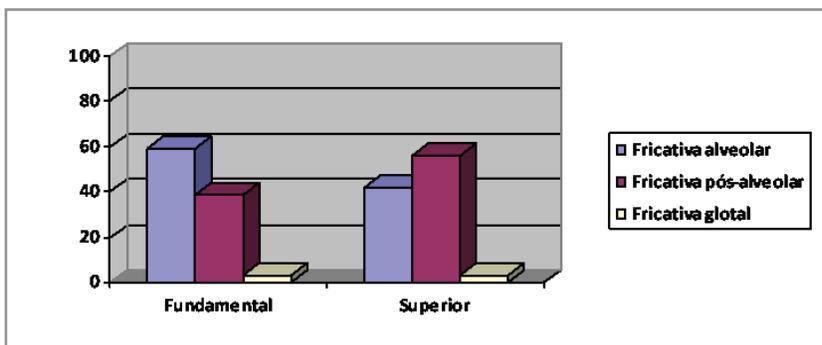


Em posição final de palavra, conforme ilustrado no Gráfico 08, a variante fricativa alveolar ocorre com mais frequência nas duas faixas etárias em relação à fricativa pós-alveolar (18 a 30 anos: 61,7%; 45 a 60 anos: 72,9%). Vale ressaltar que na fala dos mais jovens a fricativa pós-alveolar aparece com um índice maior em relação à fala dos mais velhos (38,2% e 27%, respectivamente). Esse fato parece ser um indício de mudança em curso, uma vez que trabalhos em sociolinguística têm mostrado que a fala dos mais jovens caracteriza-se pelo uso de variantes consideradas inovadoras. Ressaltando o resultado do fator sexo, estudos sociolinguísticos também mostram que as mulheres fazem uso de variantes inovadoras, ou melhor, lideram a mudança quando essas são consideradas de prestígio (Paiva in Mollica e Braga 2008: 36). Portanto, a correlação dos fatores idade e sexo parecem corroborar a hipótese de que pode estar havendo uma mudança em curso no falar manauara no que diz respeito ao /S/ pós-vocálico.

## Escolaridade

No que se refere à escolaridade, tem-se a seguinte distribuição, em posição medial, das variantes do /S/ pós-vocálico registradas:

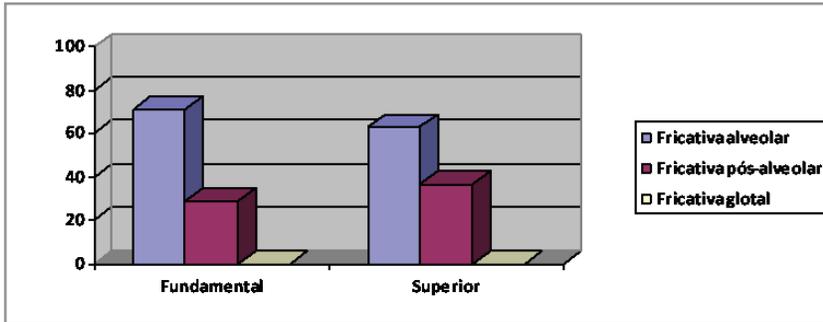
**Gráfico 09:** Distribuição do /S/ pós-vocálico em posição medial no que se refere à escolaridade



Conforme o Gráfico 09, observa-se que a fricativa alveolar ocorre com mais frequência na fala dos informantes que têm o ensino fundamental completo ou incompleto (58,7%). Já na fala dos informantes com ensino superior (completo ou não), a fricativa pós-alveolar é a variante que predomina (55,6%). Esse resultado confirma também o fato de se considerar a variante pós-alveolar como a de maior prestígio social, uma vez que resultados de estudos sociolinguísticos mostram o grau de escolaridade como um condicionador de usos de forma “padrão” ou “não padrão”: quanto maior o grau de escolaridade do falante, mais ele se aproxima da forma “padrão”, isto é, de prestígio social. Ainda, com este resultado, pode-se levantar a hipótese de que realmente pode estar havendo uma mudança em curso no falar manauara. A fricativa glotal aparece com a mesma frequência nos dois níveis de escolaridade (2,8%).

Em relação à posição final de vocábulo, registra-se a seguinte distribuição:

**Gráfico 10:** Distribuição do /S/ pós-vocálico em posição final no que se refere à escolaridade



No contexto ilustrado no Gráfico 10 encontra-se o predomínio da fricativa alveolar na fala dos informantes dos dois níveis de escolaridade (71%, Ensino Fundamental e 63%, Ensino Superior). Ressalta-se, no entanto, que a fricativa pós-alveolar é utilizada com mais frequência na fala dos informantes com ensino superior (36,8%) em relação à fala dos informantes com nível fundamental (28,9%). Isso nos leva a considerar mais uma vez o caráter de prestígio e inovação da variante pós-alveolar. A fricativa glotal/aspirada não foi encontrada em nenhum dos níveis analisados.

### Considerações finais

Conforme proposto neste artigo, foi registrado e analisado o comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico a fim de “caracterizar” o falar dos habitantes de Manaus no que diz respeito a esse fenômeno em particular.

Os dados analisados mostram que Manaus apresenta uma distribuição diferenciada das variantes fricativa alveolar e fricativa pós-alveolar quando observados os contextos final e medial de palavra. No primeiro contexto, não há uma diferença significativa da realização dessas variantes. Já no segundo contexto, conforme ilustrado no gráfico 3, a fricativa alveolar mostrou-se

mais recorrente. Isso se deve ao fato de em posição medial encontrar-se um ambiente condicionador do uso da fricativa pós-alveolar: o /S/ em coda silábica antecedendo, principalmente, a oclusiva alveolar surda [t], como, por exemplo, em [iʃ'tradɐ] (dado do informante Homem, 18 a 30 anos, ensino fundamental), e, também, quando seguida da oclusiva velar surda [k], como, por exemplo, em ['kaʃkɐ] (dado do informante homem, 18 a 30 anos, ensino superior). Em relação a esse último ambiente fonético, Brescancini (2003) mostra que o /S/ em coda silábica tende a se palatalizar quando há contextos que favoreçam a retração do corpo da língua, conforme já discutido na seção 02.

Em relação aos fatores extralinguísticos observados, um dos fatos que chamou a atenção diz respeito ao sexo: as mulheres utilizam com mais frequência a variante pós-alveolar tanto em posição medial de palavra quanto em posição final. Em estudos sociolinguísticos o que tem se observado é que as mulheres tendem ao uso de formas inovadoras quando consideradas de prestígio.

Quanto à idade, foi observado que em posição final de palavra os mais jovens tendem a usar com mais frequência a fricativa pós-alveolar (38,2%) em relação aos mais velhos (27%), uma vez que, como já foi visto, em posição medial, a fricativa pós-alveolar é favorecida devido à presença de ambientes fonéticos condicionadores ([t] e [k]). Mais uma vez, percebe-se o caráter inovador dessa variante em Manaus já que os mais jovens, segundo estudos em Sociolinguística, têm essa característica.

Quanto à escolaridade, observou-se que, tanto em posição medial quanto em posição final de palavra, os informantes com nível superior (completo ou não) tendem à utilização da fricativa pós-alveolar em relação aos informantes com nível fundamental (completo ou não). O que se evidencia, mais uma vez, é que essa variante pode estar ganhando o *status* de variante de prestígio na capital do Amazonas, já que falantes com maior nível de escolarização tendem ao uso de variantes ditas “padrão”.

Correlacionando os fatores sexo, idade e escolaridade pode-se levantar a hipótese de que, conforme, discutido na análise, pode estar havendo uma

mudança em curso no falar manauara no que diz respeito ao fenômeno aqui estudado, pois nossos resultados evidenciam que as mulheres e os mais jovens parecem estar liderando o uso da variante considerada inovadora e de prestígio (variante pós-alveolar). O caráter de inovação da variante pós-alveolar aparece também nos dados de Cruz (2004) ao investigar em sua tese nove localidades do interior do Amazonas. Segundo essa pesquisadora, nas nove localidades os mais jovens e as mulheres foram os que mais utilizaram essa variante, embora o índice não seja tão significativo (cf. seção 03).

É importante salientar ainda que o resultado geral desta pesquisa corrobora a hipótese levantada por Cruz (2004) de que a microrregião do Rio Solimões utiliza mais a variante alveolar, conforme mostrou a análise dos dados dos informantes do município de Manacapuru (pertencente à microrregião do Rio Solimões).

Conferem-se, dessa forma, as peculiaridades da Língua, que Cardoso & Ferreira (1994: 11) elucidam no livro *A Dialetologia no Brasil: Metodologia do Trabalho Dialetal. Inquérito Linguístico e Atlas Dialetológico. Regionalismos Léxicos*: “é o resultado de um processo histórico, evolutivo”, por isso não é unificada, por trás dela há inúmeras variações decorrentes da diversidade de seus usuários. A língua é um sistema, cuja concretização nos atos de fala aparece heterogênea, apresentando, assim, diferenças geográficas (diatópicas), sociais (diatrásticas) e de estilo – situação formal, informal etc. (diafásicas).

Resta, assim, aos estudiosos da linguagem, em especial aos dialetólogos e aos sociolinguistas, tentarem mostrar que é possível tentar organizar o “caos” que a princípio a língua parece ser. Como discutem Weinreich, Labov e Herzog (1968), a língua é uma heterogeneidade ordenada.

## Referências bibliográficas

BASSI, Alessandra. 2011. *A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca: uma abordagem fonológica e geolinguística*. Florianópolis: UFSC. Dissertação de mestrado em Linguística.

- BRESCANCINI, Cláudia Regina. 2003. *A representação lexical das fricativas palato-alveolares: uma proposta*. Revista Letras, n. 61, Curitiba: UFPR, especial, p. 299-310.
- CALLOU, Dinah; MORAES, J. Antônio. 1996. A norma da pronúncia do S e do R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: *Diversidade linguística e ensino*. Org. Suzana Cardoso. Salvador: EDUFBA.
- CANOVAS, Maria I. F. 1991. Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /s, z, ʒ/ cabeças de sílaba na fala de Salvador. In: *Diversidade linguística e ensino*. Org. Suzana Cardoso. Salvador: EDUFBA.
- CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. 1994. *A Dialectologia no Brasil: metodologia do trabalho dialetal. Inquérito linguístico e atlas dialetológico*. Regionalismos Léxicos. São Paulo: Contexto.
- CRUZ, Maria Luíza de Carvalho. 2004. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2 sem. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas.
- JESUS, Cláudia dos Santos de; MOTA, Jacyra Andrade. 2006. *A variação fonética no português do Brasil: diferenças diatópicas na realização do /S/ em coda silábica, a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. Apresentado no Seminário Estudantil de Pesquisa do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- \_\_\_\_\_. 2007. *Conservadorismo e mudança: o /S/ em coda silábica no nordeste, a partir dos inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB)*. Comunicação apresentada do XV Congresso Internacional de la Asociación de Linguística y Filología de América Latina, Montevideu- Uruguai.
- \_\_\_\_\_. 2011. *Análise do /S/ em coda silábica no corpus do Projeto ALiB /CAPITAIS*. Comunicação apresentada no WORKALiB, Salvador (Bahia), julho.
- LABOV, William. 2008 [1972]. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. De Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola.
- MARTINS, Flávia Santos. 2007. *A pronúncia do –S pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant*. XVI Congresso de Iniciação Científica da UFAM, 30 de julho a 3 de agosto, Manaus.
- MARTINS, Arlon Francisco Carvalho. 2001. *A pronúncia do fonema /S/ e suas variações no português do município de Bragança*. Relatório Técnico Científico. Programa de Pesquisa e Pós-graduação. Departamento de Pesquisa. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBES e PIBIC. Agosto (2000) a julho (2001).
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Sussekind de Medonça & Comp. [s.d.].

PAIVA, Maria da Conceição de. 2008. A variável gênero/sexo. In: *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. Org.: Maria Cecília Mollica; Maria Luiza Braga. São Paulo: Contexto.

PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. 2009. *Análise do /S/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?* Tese de doutorado. Paraíba: UFPB.

SCHERRE, Maria Marta P.; MACEDO, Alzira T. 1991. Variação e Mudança: o caso da pronúncia do S pós-vocálico. In: *ABRALIN*. Associação Brasileira de Linguística. Nº 11, Junho.

SILVA NETO, Serafim da. 1960. *A língua portuguesa no Brasil*. Separata da Revista de Portugal – Série A – Língua Portuguesa. vol. XXV. Lisboa: Editorial Império.

TARALLO, Fernando. 2003. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. 2006. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: parábola editorial.